



2006

GAMA

ONDE MORA ABDIAS CORDEIRO



1975

É sempre assim: quem vive por lá é apaixonado até nome da cidade, de onde não sai nem se pagar

Não é só gostar. É gamar

JOÃO RAFAEL TORRES
DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Alvaro Henrique/Especial para o CB/15.4.06

Como alguém pode não gostar do Gama? Sempre que escuta um comentário torto sobre a cidade onde vive, o professor e empresário Abdias Cordeiro, 48 anos, fica *retado* e se faz essa pergunta. Natural de São José do Egito (PE), ele se transformou num gamense de coração. Também pudera. Foi no Gama que ele cresceu, onde aprendeu a viver, onde construiu carreira e fez amigos. “Mais que amor, sinto gratidão por essa cidade, que faz parte de minha vida há 40 anos”, diz.

Abdias chegou no Distrito Federal acompanhado pelos pais e por sete irmãos em 1967. Era mais uma entre centenas de famílias nordestinas que buscavam a sorte no Centro-Oeste. Moraram por dois meses na Cidade Livre, o atual Núcleo Bandeirante. Mas optaram por uma cidadezinha que crescia perto do Catetinho, a primeira residência oficial de Brasília. Se instalaram na Quadra 22 do Setor Leste do Gama. Tudo aquilo parecia uma epopéia para aquele garoto com 8 anos de idade, vindo de uma pequena cidade do sertão pernambucano.

“Era tudo muito diferente, me sentia num mundo novo. Me impressionava com o tamanho das coisas, com os sotaques, com as brincadeiras. Fiquei bobo quando vi uma pipa pela primeira vez”, relembra Abdias. Assim como ele, o Gama também estava em formação naquele momento. Os primeiros prédios públicos se definiam: um hospital de madeira no Setor Oeste, o mercado central no Setor Leste — na época, chamado Vila Itamaracá. Numa mesma quadra, a administração da cidade e a rodoviária. Quando passa pelo Centro de Ensino Médio I, onde funcionava o Colégio do Gama, automaticamente vêm as recordações do primeiro dia de aula. “Sempre que passo por lá, me vejo novamente agarrado ao poste de madeira que ficava na portaria, chorando, com medo de entrar.”

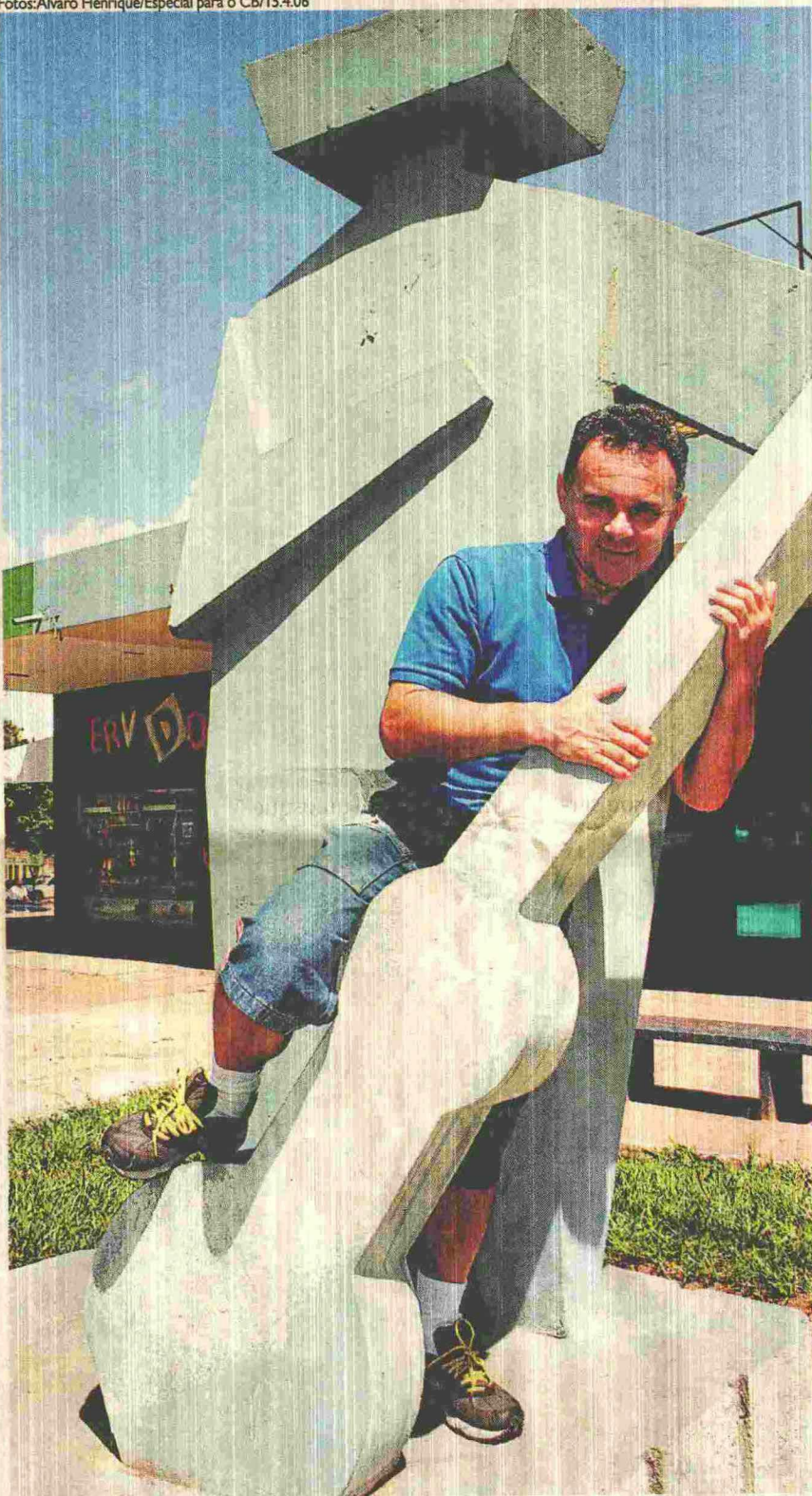
O primeiro bico

Nessa mesma época, Abdias conheceu e passou a conviver com os monumentos de Brasília. Quase todas as tardes, ele e um irmão mais velho pegavam um ônibus da TCB e iam para o canteiro de obras da Catedral, onde o pai trabalhava, para vender amendoim. O primeiro bico, a primeira forma de ganhar dinheiro, para ajudar a família.

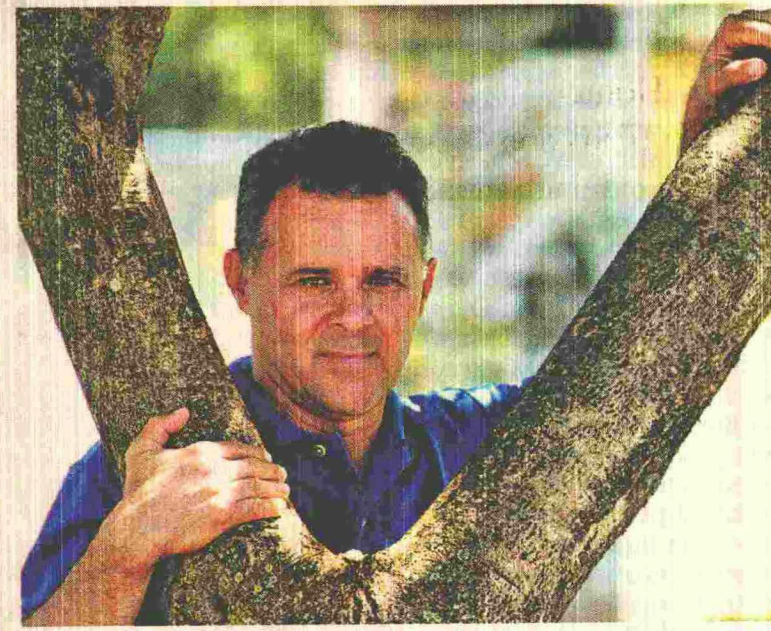
O emprego numa banca de jornais durante a adolescência dava a Abdias condição para se divertir com o que o Gama oferecia. Nas festas e bailes, dançava ao som de Jackson Five e Elvis. Diversão segura e sadia. “Sem drogas, sem violência. Se surgia um desentendimento, o máximo que acontecia era uma briguinha. Hoje, a garotada já parte logo pro tiro”, compara.

Quando tinha algum *broto na sua onda*, iam assistir a um filme no Cine Itapua. O prédio, o primeiro de alvenaria construído no Gama, ainda é a principal referência da cidade. Em 2000, o cinema passou por uma reforma e se transformou em um centro cultural. Com 25 anos, Abdias se casou pela primeira vez. Teve duas filhas deste relacionamento.

Um ano antes de casar, Abdias se formou em



Filho de uma família típica de imigrantes nordestinos, Abdias Cordeiro teve a oportunidade de construir uma carreira sólida a partir do nada. Com muita tenacidade, superou as barreiras e tenta demonstrar a sua gratidão participando de projetos de educação para os jovens



educação física. E, desde então, trabalha como professor de condicionamento físico e de caratê nas escolas do Gama. Em 1985, montou sua primeira academia de musculação. Essa ligação com o esporte estreitou ainda mais a relação dele com a cidade. Ele passou a ser conhecido por todos. Basta ressaltar que só o arquivo morto da academia conta com mais de 20 mil fichas de ex-alunos, isso sem contar com as crianças que acompanhou nas escolas. “Não tenho mais conta de quantos alunos tive. Isso é um prazer imenso, porque ganhei a oportunidade de conhecer pessoas muito especiais”, avalia.

Foi por meio do esporte que ele escolheu uma forma de devolver ao Gama as vitórias que a ci-

dade lhe proporcionou. Desde janeiro, ele está engajado no projeto Esporte à Meia-Noite, que retira adolescentes e jovens das ruas para oferecer atividades recreativas durante a madrugada. As horas de sono que perde são recompensadas com a garantia de que esses meninos não engrossarão estatísticas de criminalidade. “Falta oportunidade para essa garotada. A partir de agora, mostrar o lado bom da vida para eles se tornou a missão da minha vida”, resume.

Um campeão

Há 10 anos, Abdias se casou novamente. Teve mais dois filhos. Hoje quando passeia pelo Gama, Abdias se vê como um campeão. Tem duas acade-

mias, é professor da rede pública de ensino, tem carro importado, mora com os quatro filhos e a mulher numa casa confortável no Setor Oeste. O professor aponta diversos atributos que o motivam diariamente a permanecer no Gama: trânsito fácil, cordialidade entre vizinhos, clima interiorano...

Mas Abdias também reconhece que o ritmo cadenciado também empata o desenvolvimento do Gama. Ele percebe que a cidade não acompanhou a evolução de outras mais antigas, como Taguatinga e Ceilândia. “De certa forma, o tempo passou mais devagar aqui. O processo de urbanização demorou muito a chegar e ainda não está acabado. Falta ainda muita coisa a fazer, principalmente na cultura e na educação”, avalia.